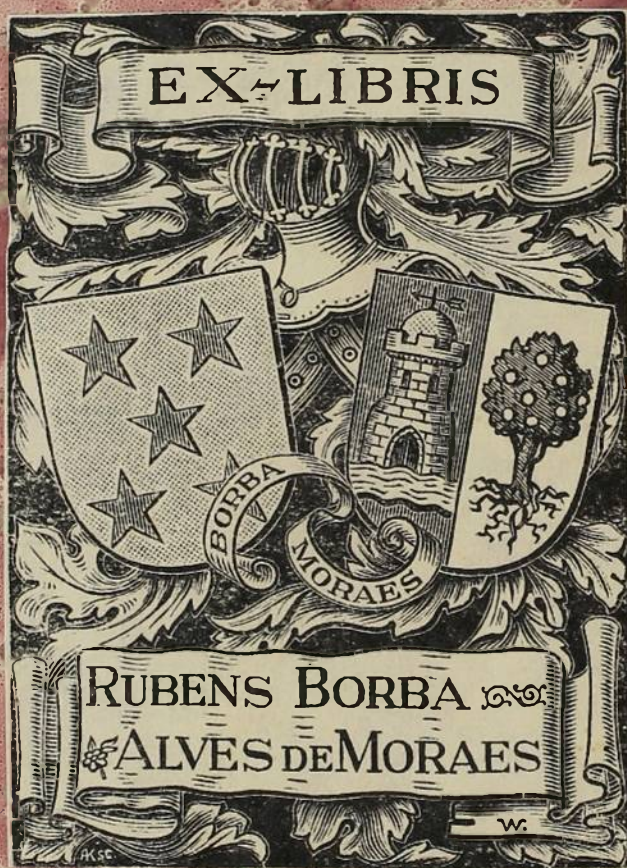
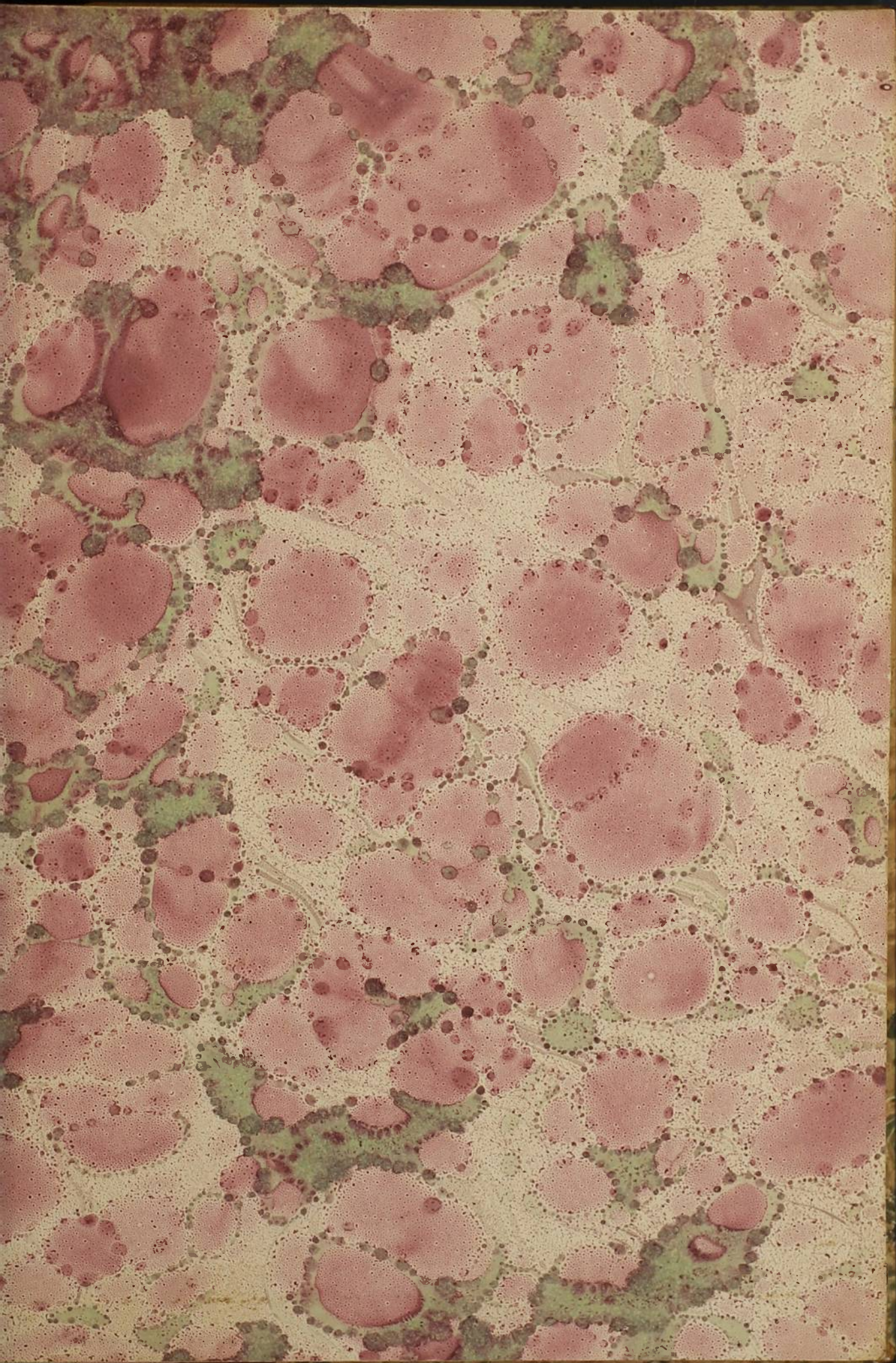
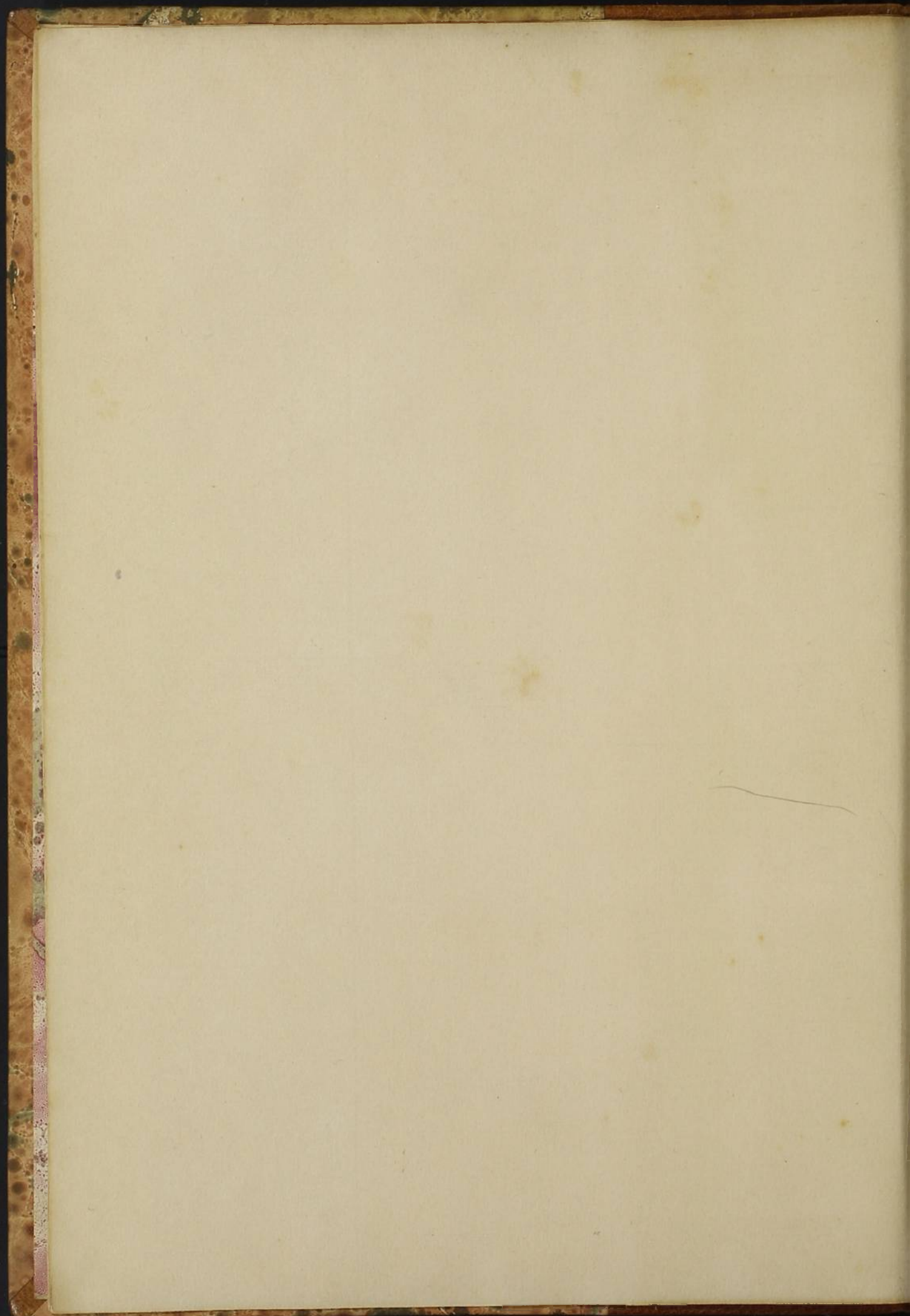
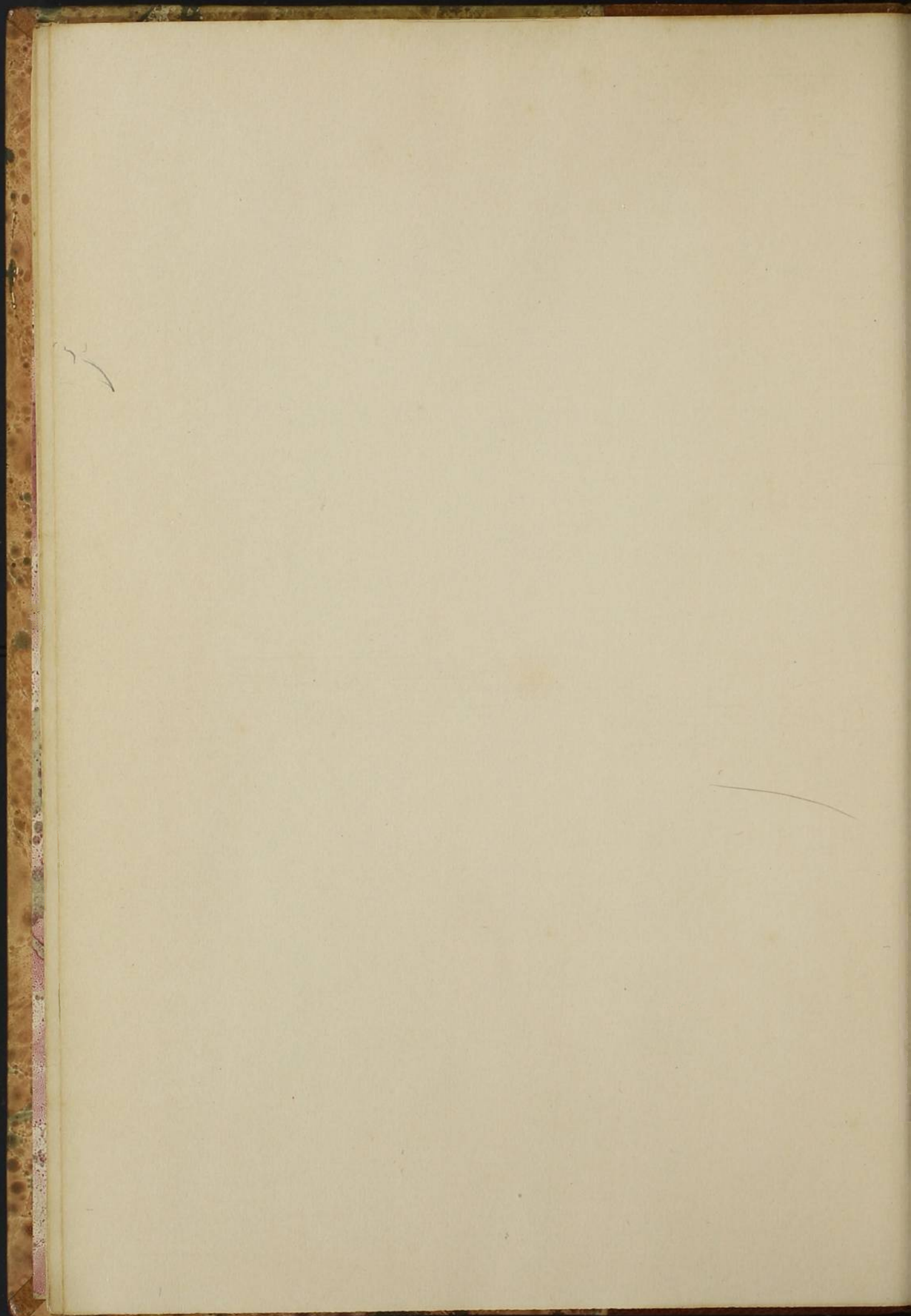


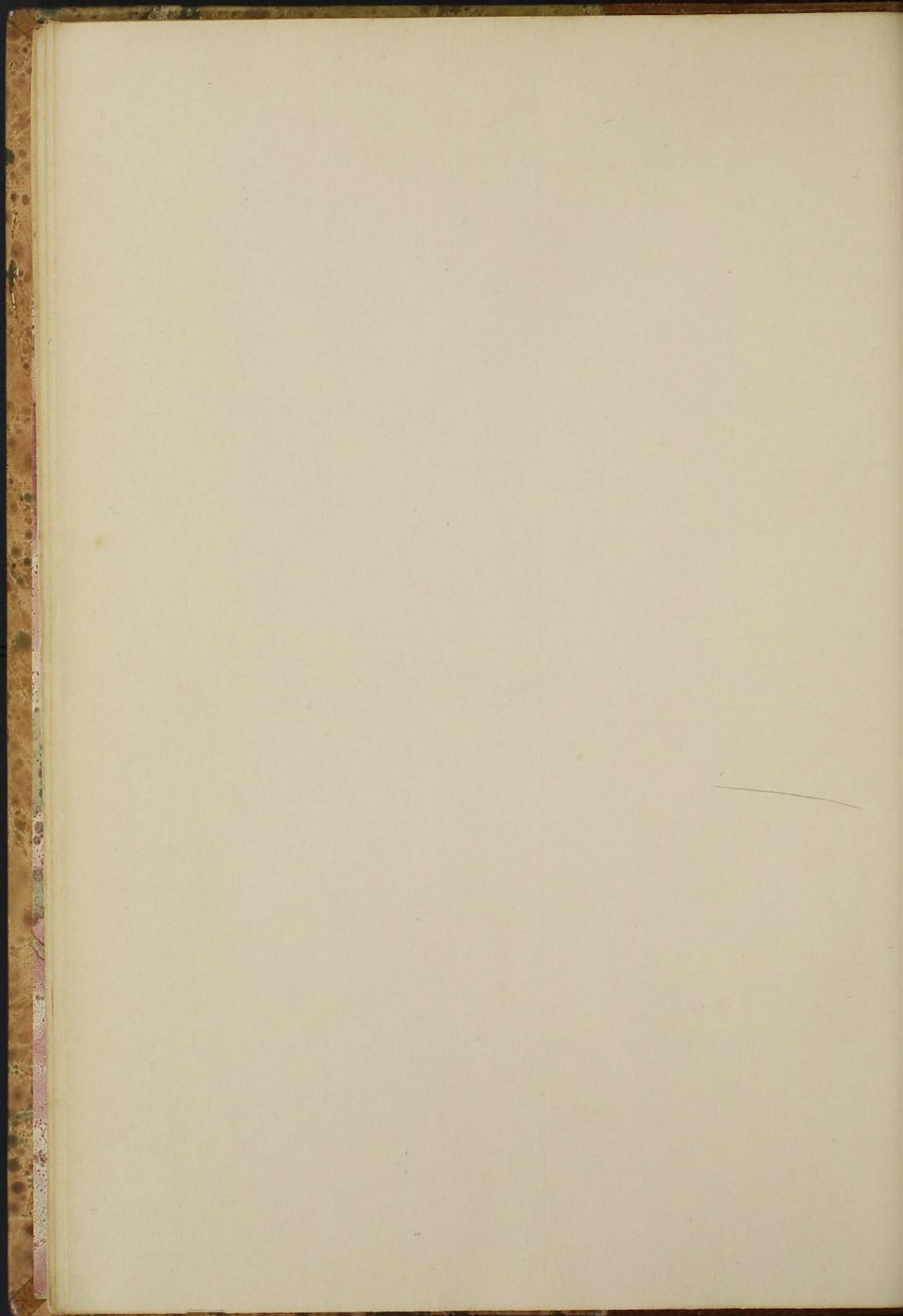


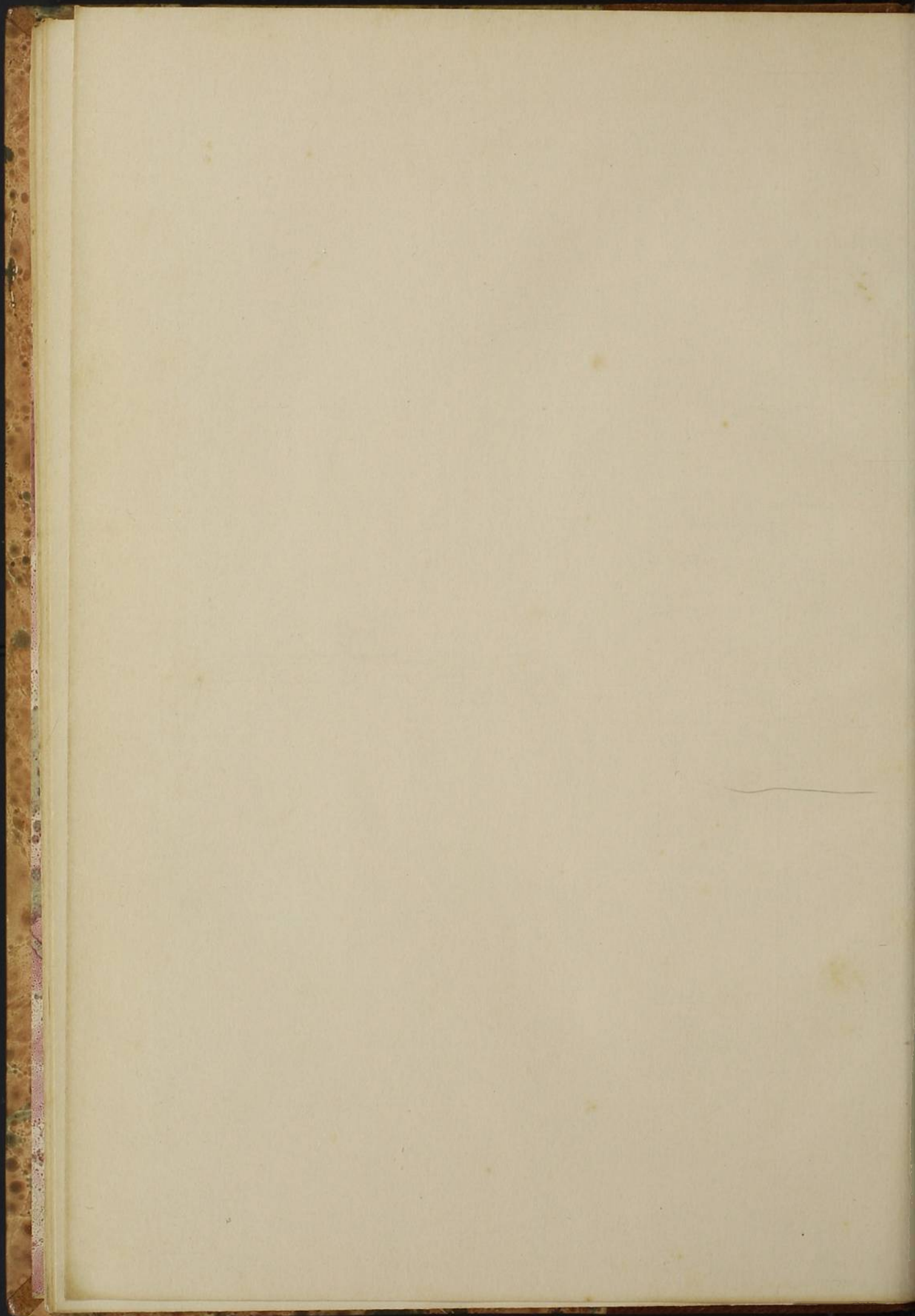








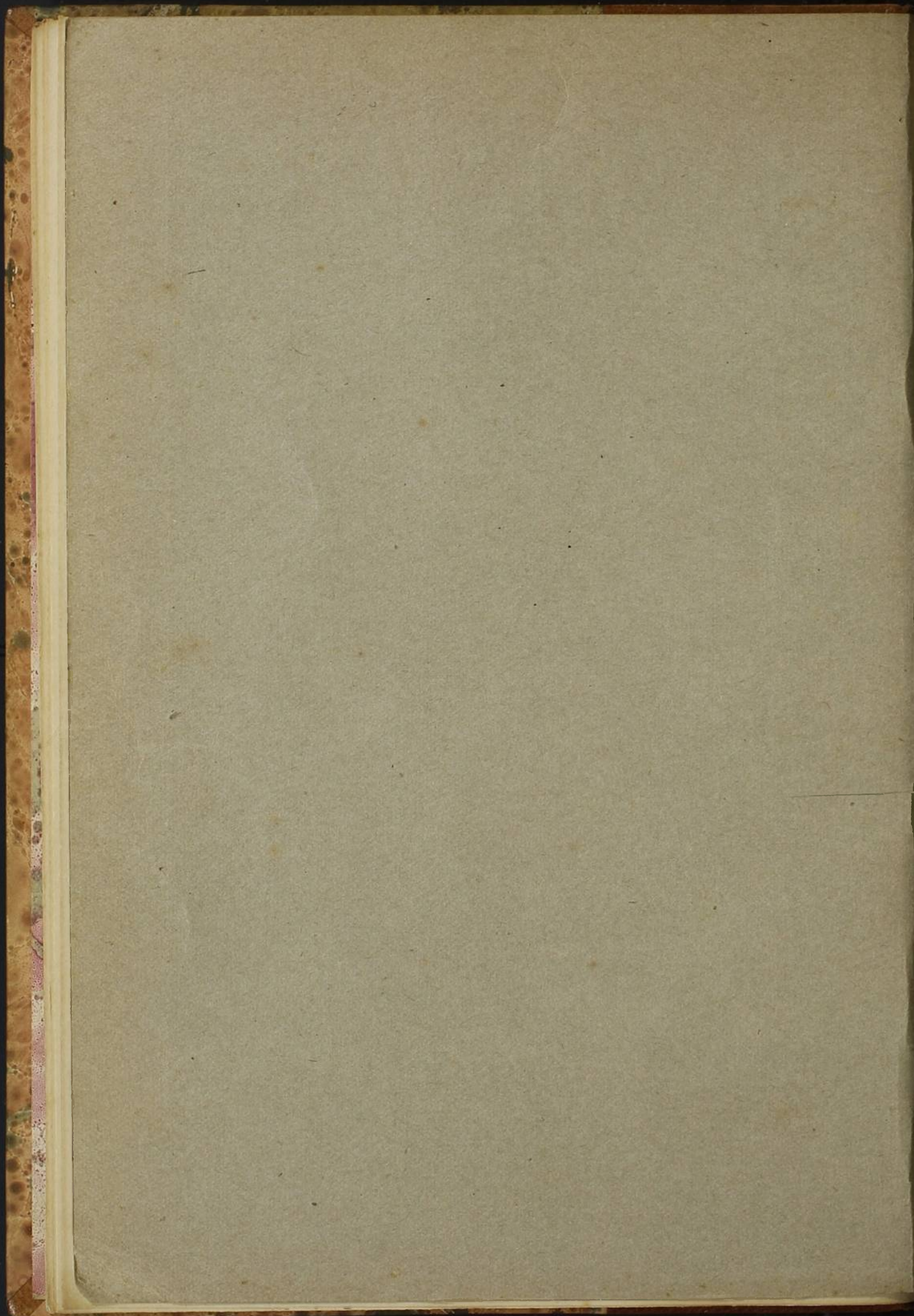




CARNAVAL



MANUEL BANDEIRA



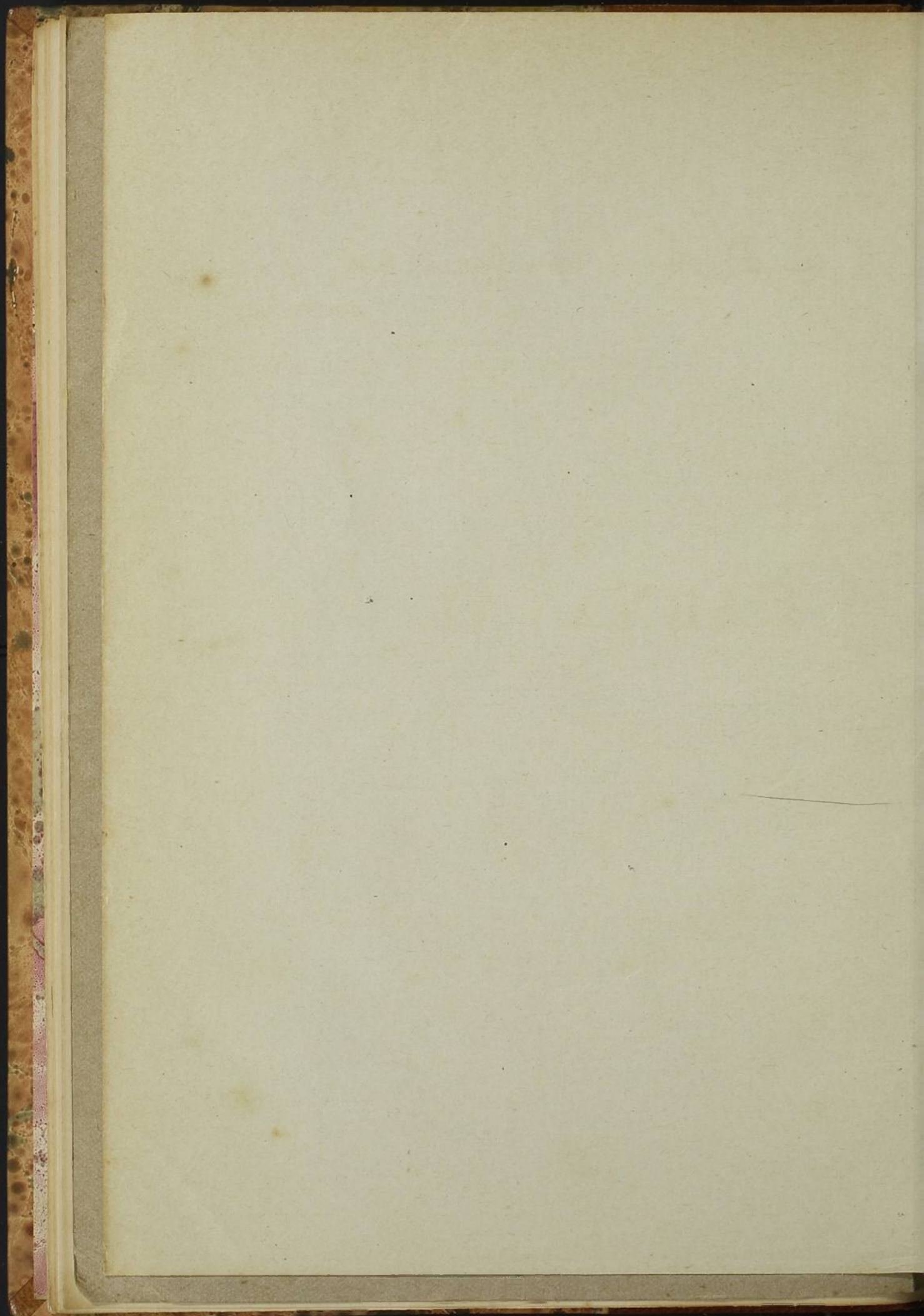
A Ruben, almoraz,

R. 6^o (m h)

affetua^o. off.

Ric

15-8-24



CARNAVAL

DO MESMO AUTOR

A Cinza das Horas (*versos*) — 1917.

A' venda na livraria de Leite Ribeiro & Maurilo, rua Santo Antonio 3, Rio de Janeiro.

CARNAVAL



MANUEL BANDEIRA

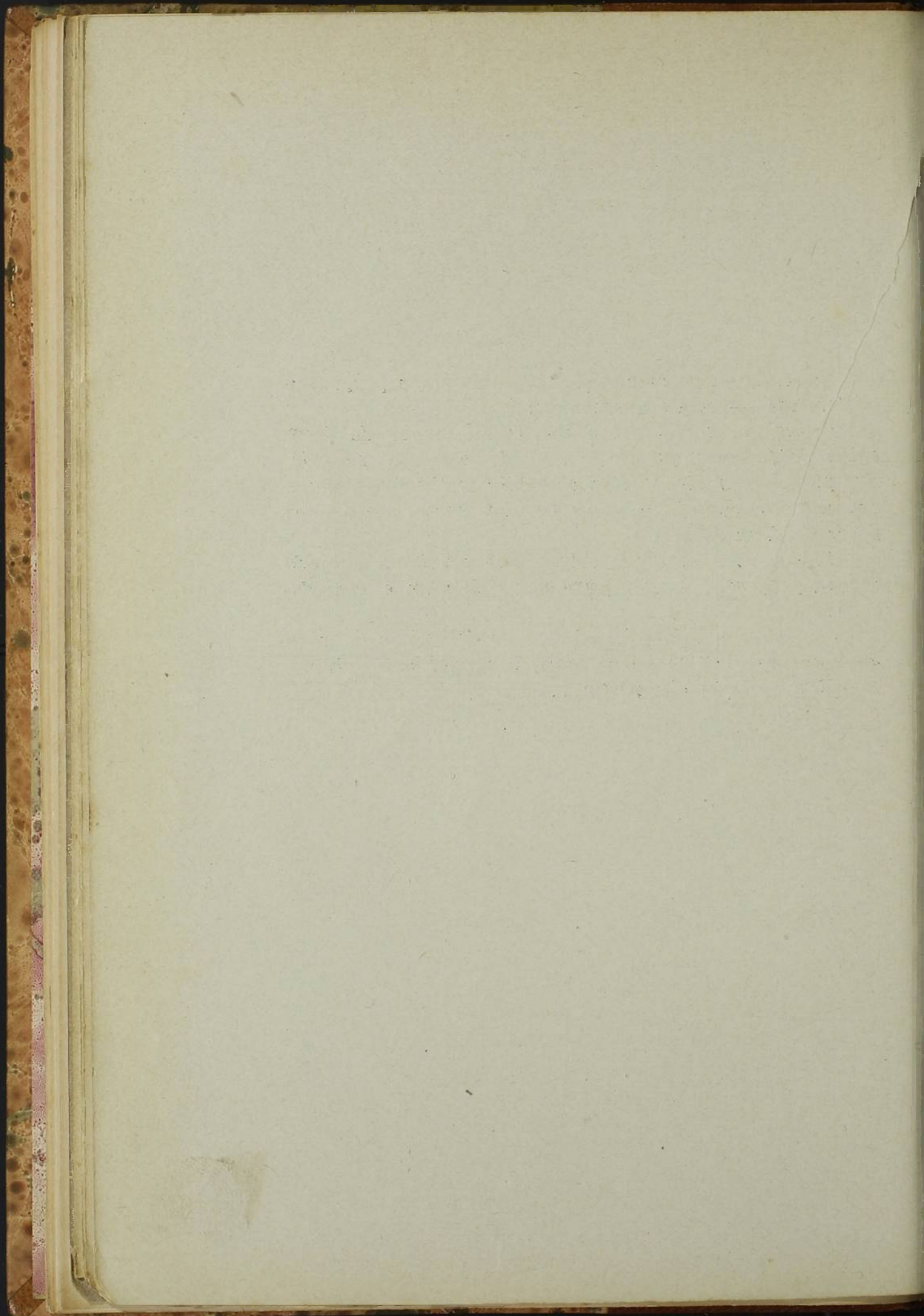
Destá obra se tiraram dez exemplares em papel de Holanda, numerados

Ela entrou com embaraço, tentou sorrir, e perguntou tristemente — se eu a reconhecia?

O aspecto carnavalesco lhe vinha menos do frangalho de fantasia que do seu ar de extrema penúria. Fez por parecer alegre. Mas o sorriso se lhe transmudou em ricto amargo. E os olhos ficaram baços, como duas poças de água suja...

Então, para cortar o soluço que adivinhei subindo de sua garganta, puxei-a para ao pé de mim e, com dureza:

— Tu és a minha esperança de felicidade e cada dia que passa eu te quero mais, com perdida volúpia, com desesperação e angústia...



Bacanal

QUERO beber! cantar asneiras
No esto brutal das bebedeiras
Que tudo emborça e faz em caco...
Evoé Baço!

Lá se me parte a alma levada
No torvelim da mascarada,
A gargalhar em doudo assomo...

Evoé Momo!

Lacem-na toda, multicores,
As serpentinas dos amores,
— Cobras de lívidos venenos...

Evoé Vênus!

Se perguntarem: que mais queres,
Além de versos e mulheres?...
— Vinhos!... O vinho que é o meu fraco!...

Evoé Baco!

O alfanje rútilo da lua,
Por degolar a nuca nua
Que me alucina e que não domo!...

Evoé Momo!

A Lira eterea, a grande Lira!...
Por que eu extático desfira
Em seu louvor versos obscenos,

Evoé Vênus!

Os sapos

E NFUNANDO os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra,

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
—“Meu pai foi á guerra!”
— “Não foi!” — “Foi!” — “Não foi!”..

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: — “Meu cancioneiro
E’ bem martelado.

Vêde como primo
Em comer os hiatos.
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Fromento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saparia
Em críticas scépticas,
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas...”

Urta o sapo-boi:

—“Meu pai foi rei!” — “Foi!”

—“Não foi!” — “Foi!” — “Não foi!”.

Brada em um assomo

O sapo-tanoeiro:

—“A grande arte é como

Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatutário:

Tudo quanto é belo,

Tudo quanto é vário,

Canta no martelo.”

Outros, sapos-pipas,

(Um mal em si cabe)

Falam pelas tripas:

—“Sei!” — “Não sabe!” — “Sabe!”

*

Longe dessa grita,

Lá onde mais densa

A noite infinita

Verte a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,

Sem glória, sem fé,

No perau profundo

E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...

A canção das lágrimas de Pierrot

I

A sala em espelhos brilha
Com lustros de dez mil velas,
Miríades de rodelas
Multicores — maravilha! —

Torvelinham no ar que alaga
O cloretilo e se toma
Daquele mesclado aroma
De carnes e de bisnaga...

E rodam mais que confetti,
Em farândolas quebradas,
Cabeças desassisadas
Por Colombina ou Pierrette.

II

Pierrot entra em salto súbito.
Upa! Que força o alevanta?
E enquanto a turba se espanta,
Ei-lo se roja em decúbito.

A tez, antes melancólica,
Brilha. A cara careteia.
Canta. Toca. E com tal veia,
Com tanta paixão diabólica,

Tanta, que se lhe ensanguentam
Os dedos. Fibra por fibra,
Toda a sua essência vibra
Nas cordas que se arreventam!...

III

Seu alaúde de plátano
Milagre é que não se quebre.
E a sua fronte arde em febre,
Ai dele! e os cuidados matam-no.

Ai dele! que essa alegria,
Aquelas canções, aquele
Surto não é mais, ai dele!
Do que uma imensa ironia.

Fazendo á cantiga louca
Dolorido contracanto,
Por dentro borbulha o pranto
Como outra voz de outra boca:

IV

— “Negaste a pele macia
“A’ minha linda paixão!
“E irás entregá-la um dia
“Aos feios vermes do chão...

“Fiz por ver se te podia
“Amolecer, — e não pude!
“Em vão pela noite fria
“Devasto o meu alaúde...

“Minha paz, minha alegria,
• “Minha coragem, roubaste-mas...
“E hoje a minh'alma sombria
“E' como um poço de lástimas...”

y

Corre após a amada esquiva.
Procura o precário ensejo
De matar o seu desejo
Numa carícia furtiva.

E encontrando-o Colombina,
Se lhe dá, lesta, á socapa,
Em vez do beijo uma tapa,
O pobre rosto ilumina-se-lhe!...

Ele que estava de rastros,
Pula, e tão alto se eleva,
Como se fosse na treva
Romper a esfera dos astros!...

Vulgívaga

Não posso crer que se conceba
De amor senão o gôzo físico!
O meu amante morreu bêbado,
E meu marido morreu tísico!

Não sei entre que astutos dedos
Deixei a rosa da inocência.
Antes da minha pubescência
Sabia todos os segredos...

Fui de um... Fui de outro... Este era médico...
Um, poeta... Outro, nem sei mais!
Tive em meu leito enciclopédico
Todas as artes liberais.

Aos velhos dou o meu engulho.
Aos fêrvidos, o que os esfrie.
A artistas, a coquetterie
Que inspira... E aos tímidos, — o orgulho.

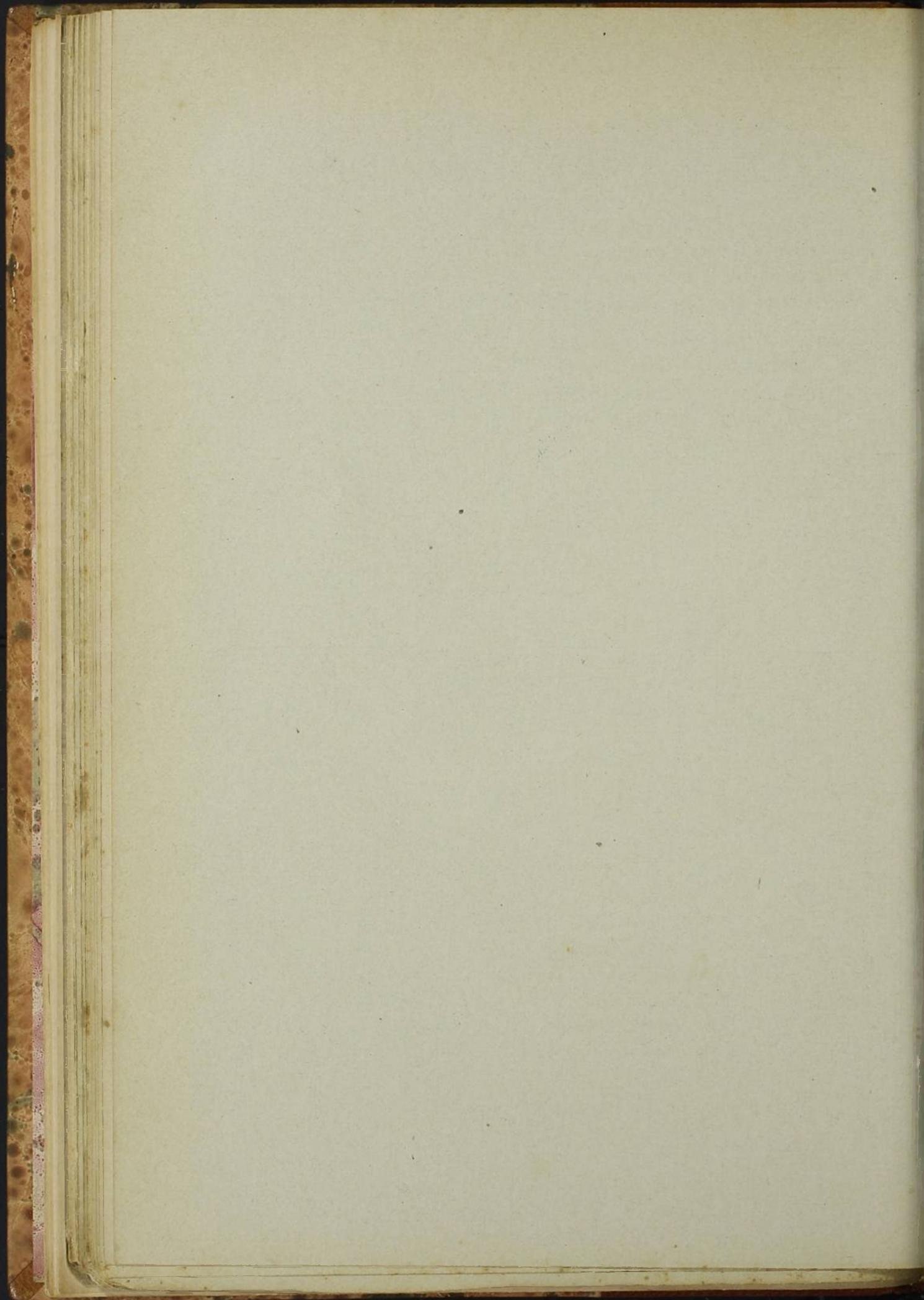
Estes, cação-os e depeño-os:
A canga fêz-se para o boi...
Meu claro ventre nunca foi
De sonhadores e de ingênuos!

E todavia se o primeiro
Que encontro, fere toda a lira,
Amanso. Tudo se me tira.
Dou tudo. E mesmo... dou dinheiro...

Se hate, então como o estremeço!
Oh, a volúpia da pancada!
Dar-se entre lágrimas, quebrada
Do seu colérico arremêso...

E o cio atroz se me não leva
A valhacontos de canalhas,
E' porque temo pela treva
O fio fino das navalhas...

Não posso crer que se conceba
Do amor senão o gôzo físico!
O meu amante morreu bêbado,
E meu marido morreu tísico!



A rosa

A vista incerta,
Os ombros languês,
Pierrot aperta
As mãos exangues
De encontro ao peito.

Alguma cousa
O punge ali
Que êle não ousa
Lançar de si,
O pobre doudo!

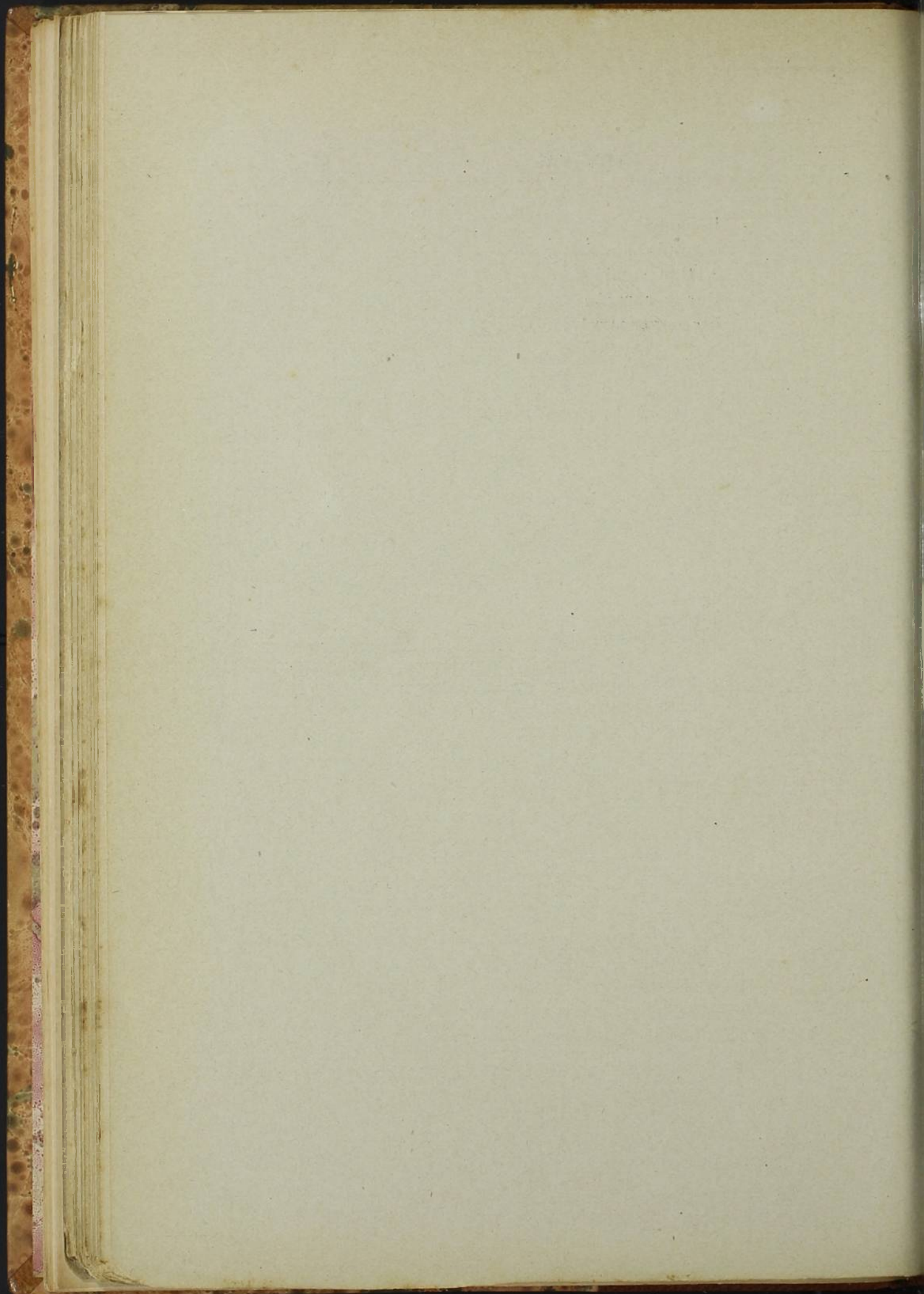
Uma sombria
Rosa escarlata
Em agonia
Faz que lhe bata
O coração...

Sangrenta rosa
Que evoca a boca,
A voluptuosa,
Volúvel boca
De sua amada...

Ah! com que mágoa,
Com que desgosto
Dois fios de água
Lavam-lhe o rosto
De faces lívidas!

Da veste branca
A' larga túnica
Por fim arranca
A rosa púnica
Em um soluço.

E parecia,
Jogando ao chão
A flor sombria,
Que o coração
Ele arrancara!...



A sereia de Lenau

QUANDO na grave solidão do Atlântico
Olhavas da amurada do navio
O mar já luminoso e já sombrio,
Lenau! teu grande espírito romântico

Suspirava por ver dentro das ondas
Até o álveo profundo das areias,
A enxergar alvas formas de sercias
De braços nus e nádegas redondas.

Ilusão! que sem cauda aqueles sêres,
Deixando o êrmo monótono das águas,
Andam em terra suscitando máguas,
Misturadas ás filhas das mulheres.

Nikolaus Lenau, poeta da amargura!
Uma te amou, chamava-se Sofia.
E te levou pela melancolia
Ao oceano sem fundo da loucura...

Pierrot branco

A TRÁS de minha fronte esquálida,
Que em insônias se mortifica,
Brilha uma como chama pálida
De pálida, pálida mica...

Não a acendeu a ardente febre,
Ai de mim, da consumpção héctica
Que esgalga até que um dia quebre
A minha carcaça caquética!

Nem a alumiou a fantasia
Por velar de rúbido pejo
Aquela agitação sombria
Que em pancadas de mau desejo

Tortura o coração aflito,
Sugere requintes de gôzo,
Por concriar — sonho infinito —
O andrógino miraculoso!

A chama que em suave lampejo
A esquálida tez me ilumina,
Não a ateou febre nem desejo,
— Mas um beijo de Colombina...

A fina, a doce ferida...

A fina, a doce ferida
Que foi a dor do meu gozo,
Deixou quebranto amoroso
Na cicatriz dolorida.

Pois que ardor pecaminoso
Ateou a esta alma perdida
A fina, a doce ferida
Que foi a dor do meu gôzo!

Como uma adaga partida
Punge o golpe voluptuoso...
Que no peito sem repouso
Me arderá por toda a vida
A fina, a doce ferida...

A silhueta

Na sala obscura onde branqueja
A mancha ebúrnea do teclado,
Morre e revive, expira, arqueja
O estribilho desesperado,

Um Pierrot de vestes de sêda
Negra, êle próprio toca e canta.
O timbre murmuro segreda
Uma dor que sobe á garganta.

E uma tristeza de tal sorte
Vem nessa pobre voz humana,
Que se pensa em fugir na morte
A' miséria quotidiana.

Como a voz, também a mão geme.
E na parede se debruça
A sombra pálida, que treme,
De uma garganta que soluça...

Arlequinada

QUE idade tens, Colombina?
Será a idade que pareces?...
Tivesses a que tivesses!
Tu para mim és menina.

Pouca seria a precisa
Cambraia ao teu talhe, penso:
Pode ser tua camisa
Cortada toda num lenço...

Teus seios teem treze anos.
Dão os dois uma mancheia...
E essa inocência incendeia,
Faz cinza de desenganos...

O teu pequenino queixo,
— Símbolo do teu capricho —
E' dele que mais me queixo,
Que por êle assim me espicho!

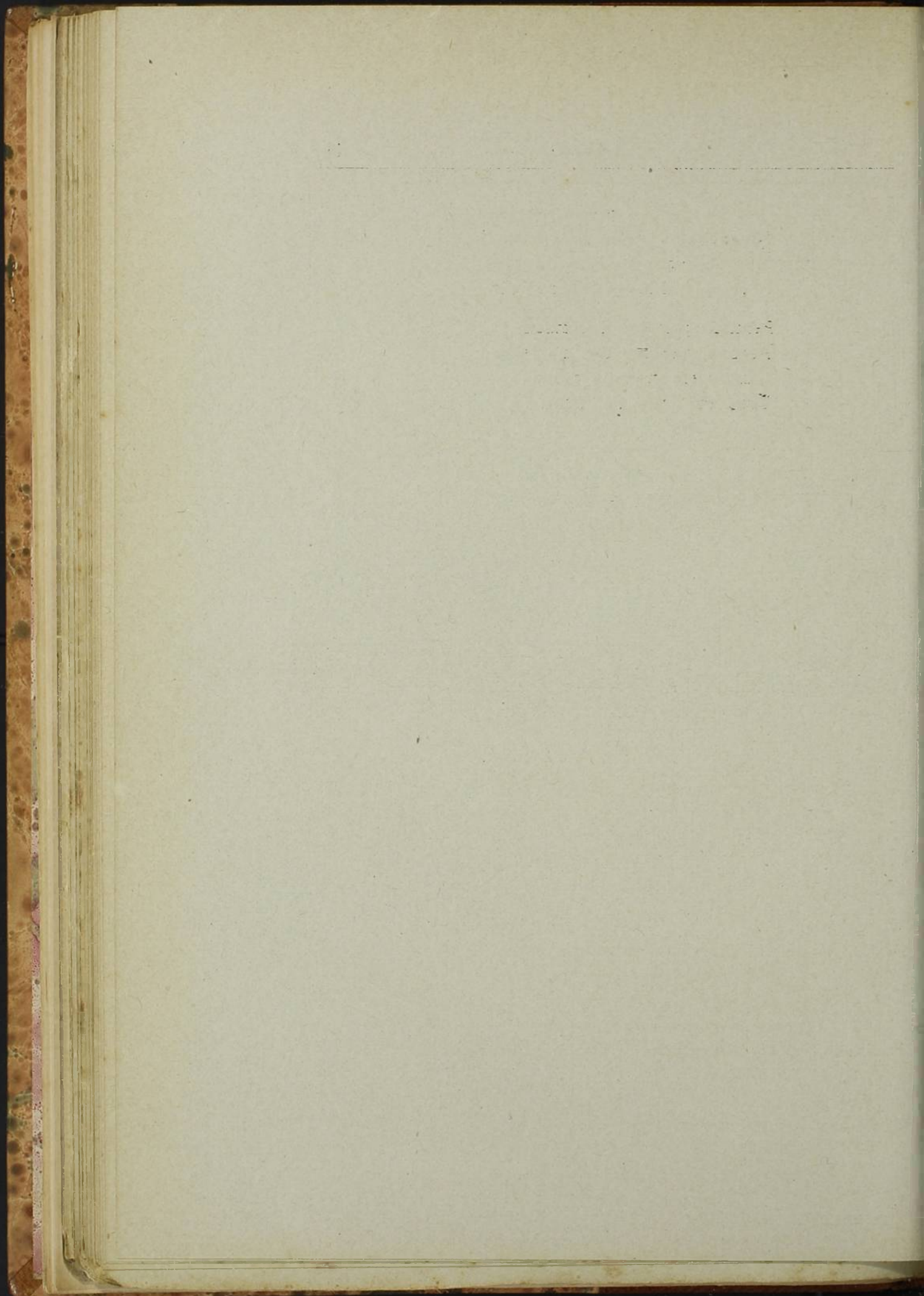
Tua cabeleira rara
Tambem ela é de criança:
Dará uma escassa trança,
Onde eu mal me estrangulara!

E que direi do franzino,
Do breve pé de menina?...
Seria o mais pequenino
No jogo da pampolina...

Infantil é o teu sorriso.
A cabeça, essa é de vento:
Não sabe o que é pensamento
E jamais terá juízo...

Crês tu que os recém-nascidos
São achados entre as couves?...
Mas vejo que os teus ouvidos
Ardem... Finges que não ouves...

Perdão, perdão, Colombina!
Perdão, que me deu na telha
Cantar em medida velha
Teus encantos de menina...



Do que dissestes...

Do que dissestes, alma fria,
Já nada vos acode mais?...
Eramos sós... Fora chovia...
Quanta ternura em mim havia!
(Em vós também... Por que o negais?)

Hoje contudo nem me olhais...
Pobre de mim! Por que seria?
Acaso arrependida estais
Do que dissestes?

E' bem possível que o estejais...
O amor é cousa fugidia...
Eu, no entretanto, que em tal dia
Gozei momentos sem iguais,
Eu não me esquecerei jamais
Do que dissestes...

Pierrot místico

TORNA a meu leito, Colombina!
Não procures em outros braços
Os requintes em que se afina
A volúpia dos meus abraços...

Os atletas poderão dar-te
O amor próximo das sevícias...
Só eu possuo a ingênua arte
Das indefiníveis carícias...

Meus magros dedos dissolutos
Conhecem todos os afagos
Para os teus olhos sempre enxutos
Mudar em dois brumosos lagos...

Quando em êxtase os olhos viro,
Ah se pudesses, fútil prêsa,
Sentir na dor do meu suspiro
A minha infinita tristeza!...

Insensato aquele que busca
O amor na fúria dionisiaca!
Por mim desamo a posse brusca:
A volúpia é scisma elegíaca...

A volúpia é bruma que esconde
Abismos de melancolia...
Flor de tristes pântanos onde
Mais que a morte a vida é sombria...

Minh'alma lírica de amante
Despedaçada de soluços,
Minh'alma ingênua, extravagante,
Aspira a-desoras de braços,

Não ás alegrias impuras,
Mas a aquelas rosas simbólicas
De vossas ardentes ternuras,
Grandes místicas melancólicas!...

... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...

Debussy

PARA cá, para lá...
Para cá, para lá...
Um novelozinho de linha...
Para cá, para lá...

Para cá, para lá...

Oscila no ar pela mão de uma criança

(Vem e vai...)

Que delicadamente e quasi a adormecer o balanço

— Psio... —

Para cá e para lá...

Para cá e...

— O novelozinho caiu

Pierrette

O relento hiperestesia
O ritmo tardo de meu sangue.
Sinto correr-me a espinha langue
Um calefrio de histeria...

Gemem ondinas nos repuxos
Das fontes. Faunos aparecem.
E salamandras desfalecem
Na sarça em bicipes de bruxos.

Corro á floresta: entre miríades
De vagalumes, junto aos troncos,
Gênios capripedes e brancos
Estupram virgens hamadriades.

Ergo olhos súplices: e vejo,
Ante as minhas pupilas tontas,
No sete-estrêlo as sete pontas
De sete espadas de desejo.

O sexo obsidente alucina
A minha índole surpresa:
As imagens da natureza
São um delírio de morfina.

A minha carne complicada
Espreita em voluptuoso ardil,
Alguem que tenha a alma subtil,
Decadente, degenerada!

E a lua verte como uma âmbula
O filtro erótico que assombra...
Vem, meu Pierrot! ó minha sombra
Cocainómana e noctâmbula!...

O Súcubo

QUANDO em silêncio a casa adormecia e vinha
Ao meu quarto a aromada emanção dos matos,
Deslisáveis astuta, amorosa e daninha,
Propinando na treva o absinto dos contactos.

Como se enrosca ao tronco a ondulação da vinha,
Um por um despojando os fictícios recatos,
Estreitáveis-me cauta e essa pupila tinha
Fosforescências como a pupila dos gatos.

Tudo em vós flamejava em instintiva fúria.
A garganta cruel arfava com luxúria.
O ventre era um covil de serpentes em cio...

Sem paixão, sem pudor, sem escrúpulos, — éreis
Tão bela! e as vossas mãos, fontes de calefrio,
Abrasavam, no ardor das volúpias estéreis...

O descante de Arlequim

A lua ainda não nasceu.
A escuridão, propícia aos furtos,
Propícia aos furtos como o meu,
De amores frívolos e curtos,

Estende o manto alcoviteiro
A' cuja sombra, se quiseres,
A mais ardente das mulheres
Terá o seu único parceiro.

Ei-lo. Sem glória e sem vintêm,
Amando os vinhos e os baralhos,
Eu, nesta veste de retalhos,
Sou tudo quanto te convêm.

Não se me dá do teu recato.
Antes, polido pelo vício,
Sou fácil, acomodaticio,
Agora beijo, agora bato,

Que importa? ao menos o teu ser
Ao meu anélito corrupto
Esquecerá por um minuto
O pesadelo de viver.

E eu, vagabundo sem idade,
Contra a moral e contra os códigos,
Dar-te hei entre os meus braços pródigos
Um momento de eternidade...

A ceia

JUNTO á púrpura os tons mais ricos esmaecem.
Chispa ardente lascívia em cada rosto glabro.
Luzem anéis. A' luz crua do candelabro
Finda a ceia, O perfume e os vinhos entontecem,

César medita e trama o designio macabro.
Quando em volúpia aos mais os olhos enlanguescem
Os seus, frios, fitando o irmão, lançá-lo tecem
Horas depois do Tibre ao fundo volutabro.

Tres gregas de alvos pés, pubescentes e esguias,
Torcendo os corpos nus donde acre aroma escapa,
Dançam meneando véus, flexíveis como enguias...

Enquanto, a acompanhar os lascivos tregeitos
Entre os seios líriais de uma matrona, o Papa
Deixa cair, rindo, um punhado de confeitos...

Menipo

A Albert Childe

MENIPO, o zombeteiro, o Cínico vadio,
Ia fazer enfim a última viagem.
Mas ia sem temor, contemplando a paisagem
Que se desenrolava á beira do atro rio.

E chasqueava a sorrir sobre o Estige sombrio...
Nem cuidara em trazer o óbolo da passagem!
E em face de Caronte, a pavorosa imagem
Do barqueiro da Morte olhava em desafio.

Outros erguiam no ar suplicemente as palmas:
Ele, avêso ao terror daquelas pobres almas,
Antes afigurava um deus sereno e forte.

Em seu lábio cançado um sorriso luzia...
E era o sorriso eterno e subtil da ironia
Que triunfara da vida e triunfava da morte.

A morte de Pan

QUANDO aquele que o beijo infiel traíra no Horto,
Desfaleceu na cruz, das montanhas ao mar
Gemeu, com grande pranto e feio soluçar,
Uma voz que dizia: — “O grande Pan é morto!...”

"Aquele deleitoso, almo viver absorto
"No amor da natureza augusta e familiar,
"O ledó ritmo antigo, outrem veio mudar
"Em doutrina de amargo e rudo desconforto.

"Faunos, morrei! Morrei, Driades e Napeias!
"Oréades gentis que a flauta do Egipan
"Congraçava na relva em rondas e coreias,

"Morrei! Apague o vento os tenuíssimos laivos
"Dos ágeis pés subtis... Bosques, desencantai-vos...
"Fontes do êrmo, chorai que é morto o grande Pan!..."

Baladilha arcaica

NA velha torre quadrangular
Vivia a Virgem dos Devaneios...
Tão alvos braços... Tão lindos seios...
Tão alvos seios por afagar...

A sua vista não ia além
Dos quatro muros que a enclausuravam.
E ninguém via. — ninguém ninguém —
Os meigos olhos que suspiravam.

Entanto fora, se algum zagal,
Por noites brancas de lua cheia,
Ali passava, vindo do val,
Em si dizia: — Que torre feia...

Um dia a Virgem desconhecida
Da velha torre quadrangular,
Morreu inane, desfalecida,
Desfalecida de suspirar...

Rimancete

A , dona de seu encanto,
A' bem-amada pudica,
Por quem se desvela tanto,
Por quem tanto se dedica,

Olhos lavados em pranto,
O seu amante suplica:

— O que me darás donzela,
Por preço de meu amor?

— Dou-te os meus olhos (disse ela),
Os meus olhos sem senhor...

— Ai não me fales assim!
Que uma esperança tão bela
Nunca será para mim!

O que me darás, donzela,
Por preço de meu amor?

— Dou-te os meus lábios (disse ela),
Os meus lábios, sem senhor...

— Ai não me enganes assim,
Sonho meu! Cousa tão bela
Nunca será para mim!

O que me darás, donzela,
Por preço de meu amor?

— Dou-te as minhas mãos (disse ela),
As minhas mãos sem senhor...

— Não me escarneças assim!
Bem sei que prenda tão bela
Nunca será para mim!

O que me darás, donzela,
Por preço de meu amor?

— Dou-te os meus peitos (disse ela),
Os meus peitos sem senhor...

— Não me tortures assim!
Mentes! Dádiva tão bela
Nunca será para mim!
O que me darás, donzela,
Por preço de meu amor?

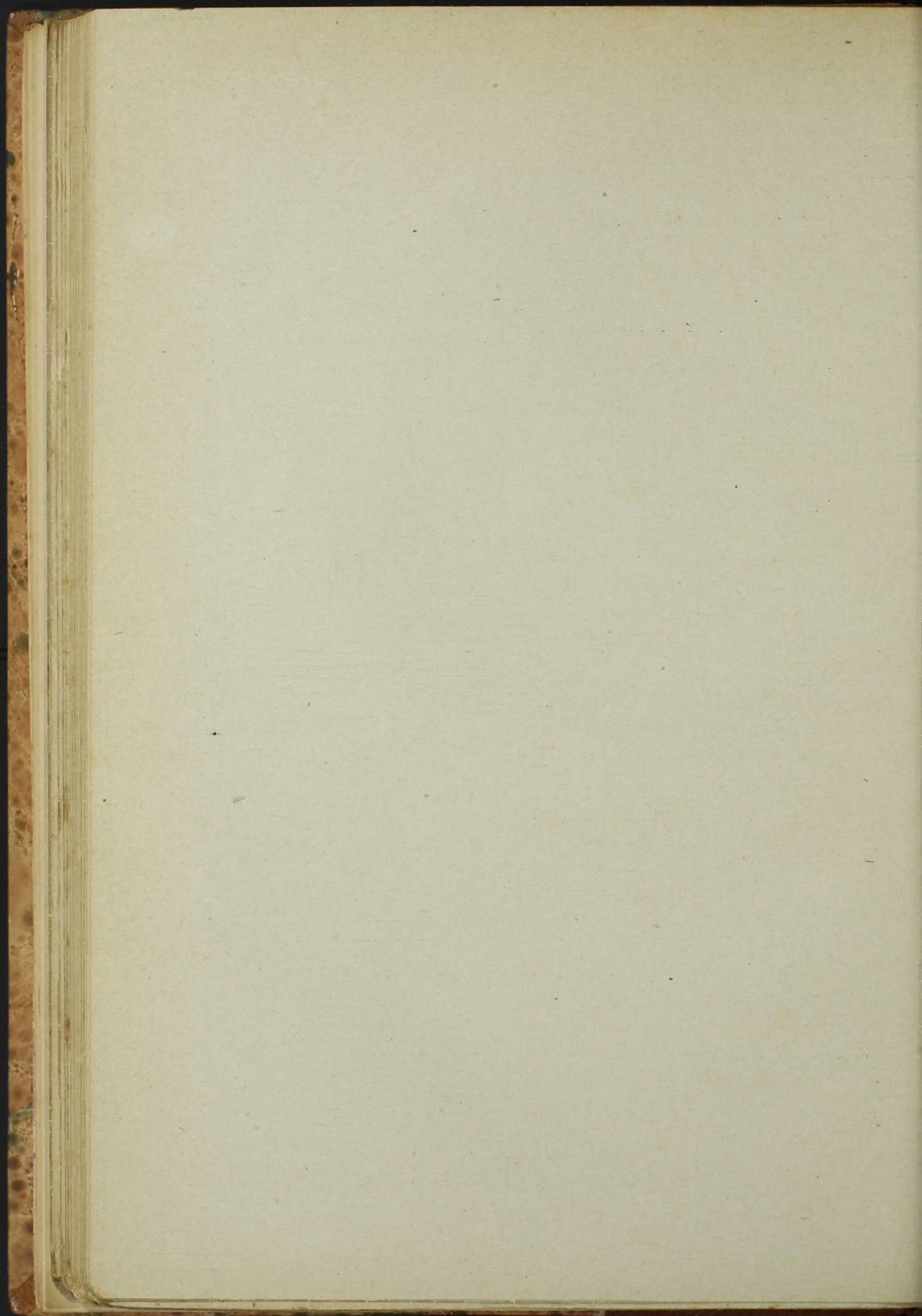
— Minha rosa e minha vida...
Que por perdê-la perdida,
Me desfaleço de dor...

— Não me enlouqueças assim,
Vida minha! Flor tão bela
Nunca será para mim!
O que me darás, donzela?...

— Deixas-me triste e sombria.
Scismo... Não atino o quê...
Dava-te quanto podia...
Que queres mais que te dê?

Responde o moço dest'arte:

— Teu pensamento quero eu!
— Isso não... não posso dar-te...
Que há muito tempo êle é teu...



Madrigal

A luz do sol bate na lua...
Bate na lua, cai no mar...
Do mar ascende á face tua,
Vem reluzir em teu olhar...

E olhas nos olhos solitários,
Nos olhos que são teus... E' assim
Que eu sinto em êxtases lunários
A luz do sol cantar em mim...

Confidência

TUDO que existe em mim de grave e carinhoso
Te digo aqui como se fôra ao teu ouvido...
So tu mesma ouvirás o que aos outros não ousa
Contar do meu tormento obscuro e impressentido.

Em tuas mãos de morte, ó minha Noite escura!
Aperta as minhas mãos geladas. E em repouso
Eu te direi no ouvido a minha desventura
E tudo o que em mim há de grave e carinhoso...

Hiato

Es na minha vida como um luminoso
Poema que se lê comovidamente
Entre sorrisos e lágrimas de gozo...

A cada imagem, outra alma, outro ente
Parece entrar em nós e manso enlaçar
A velha alma arruinada e doente...

— Um poema luminoso como o mar,
Aberto em sorrisos de espuma, onde as velas
Fogem como garças longinquas no ar...

Toante

...wie ein stilles Nachtgebet.

LENAU.

MOLHA em teu pranto de aurora as minhas mãos pálidas.
Molha-as. Assim eu as quero levar á boca,
Em espirito de humildade, como um cálice
De penitência em que a minh'alma se faz boa...

Foi assim que Tereza de Jesus amou...
Molha em teu pranto de aurora as minhas mãos pálidas.
O espasmo é como um êxtase religioso...
E o teu amor tem o sabor das tuas lágrimas.

Alumbramento

Eu vi os céus! Eu vi os céus!
Oh, essa angélica brancura
Sem tristes pejos e sem véus!

Nem uma nuvem de amargura
Vem a alma desassossegar.
E sinto-a bela... e sinto-a pura...

Eu vi nevar! Eu vi nevar!
Oh, cristalizações da bruma
A amortalhar, a scintilar!

Eu vi o mar! Lírios de espuma
Vinhão desabrochar á flor
Da água que o vento desapruma...

Eu vi a estrela do pastor!...
Vi a licorne alvinitente!...
Vi... vi o rastro do Senhor!...

E vi a Via-Láctea ardente...
Vi comunhões... capelas... véus...
Súbito... alucinadamente...

Vi carros triunfais... troféus...
Pérolas grandes como a lua...
Eu vi os céus! Eu vi os céus!

— Eu vi-a nua... toda nua...

Sonho de uma terça-feira gorda

Eu estava contigo. Os nossos dominós eram negros,
[e negras eram as nossas máscaras,
lamos, por entre a turba, com solenidade,
Bem conscientes do nosso ar lúgubre

Tão contrastado pelo sentimento de felicidade
Que nos penetrava. Um lento, suave júbilo
Que nos penetrava... Que nos penetrava como uma espada
[de fogo...

Como a espada de fogo que apunhalava as santas extáticas!
E a impressão em meu sonho era que se estávamos
Assim de negro, assim por fora inteiramente de negro,
— Dentro de nós, ao contrário, era tudo claro e luminoso!

Era terça-feira gorda. A multidão inumerável
Borborinhava. Entre clangores de fanfarra
Passavam préstitos apoteóticos.
Eram alegorias ingênuas, ao gosto popular, em cores cruas.
Iam ao alto, empoleiradas, mulheres de má vida,
De peitos enormes, — Vênus para caixeiros.
Figuravam deusas, — deusa disto, deusa daquilo, já tontas
[e seminuas.

A turba, ávida de promiscuidade,
Acotovelava-se com algazarra,
Aclamava-as com alarido.
E aqui e ali virgens atiravam-lhes flores.

Nós caminhávamos de mãos dadas, com solenidade.
O ar lúgubre, negros, negros...
Mas, dentro em nós, era tudo claro e luminoso!
Nem a alegria estava ali, fora de nós.
A alegria estava em nós.
Era dentro de nós que estava a alegria,
— A profunda, a silenciosa alegria...

Poema de uma quarta-feira de cinzas

ENTRE a turba grosseira e fútil
Um Pierrot doloroso passa.
Veste-o uma túnica inconsútil
Feita de sonho e de desgraça...

O seu delirio manso agrupa
Atrás dele os maus e os basbaques.
Este o indigita, este outro o apupa...
Indiferente a tais ataques,

Nublada a vista em pranto inútil,
Dolorosamente êle passa.
Veste-o uma túnica inconsútil
Feita de sonho e de desgraça...

Epílogo

Eu quis um dia, como Schumann, compor
Um Carnaval todo subjectivo:
Um Carnaval em que só motivo
Fosse o meu próprio ser interior...

Quando o acabei, — a diferença que havia!

O de Schumann é um poema cheio de amor,
E de frescura, e de mocidade...
E o meu tinha a morta mortacor
Da senilidade e da amargura...

— O meu Carnaval sem nenhuma alegria!...

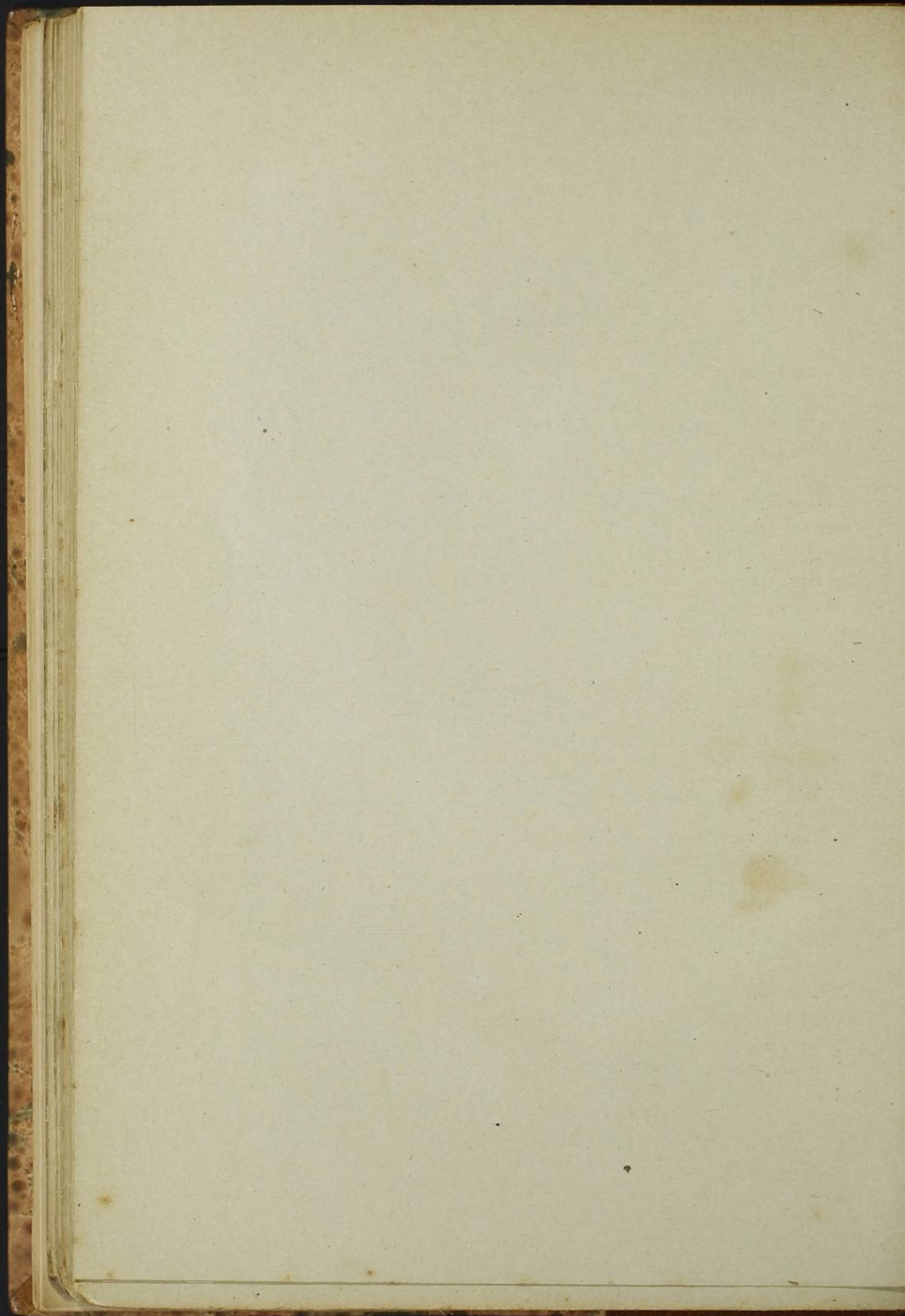
FIM

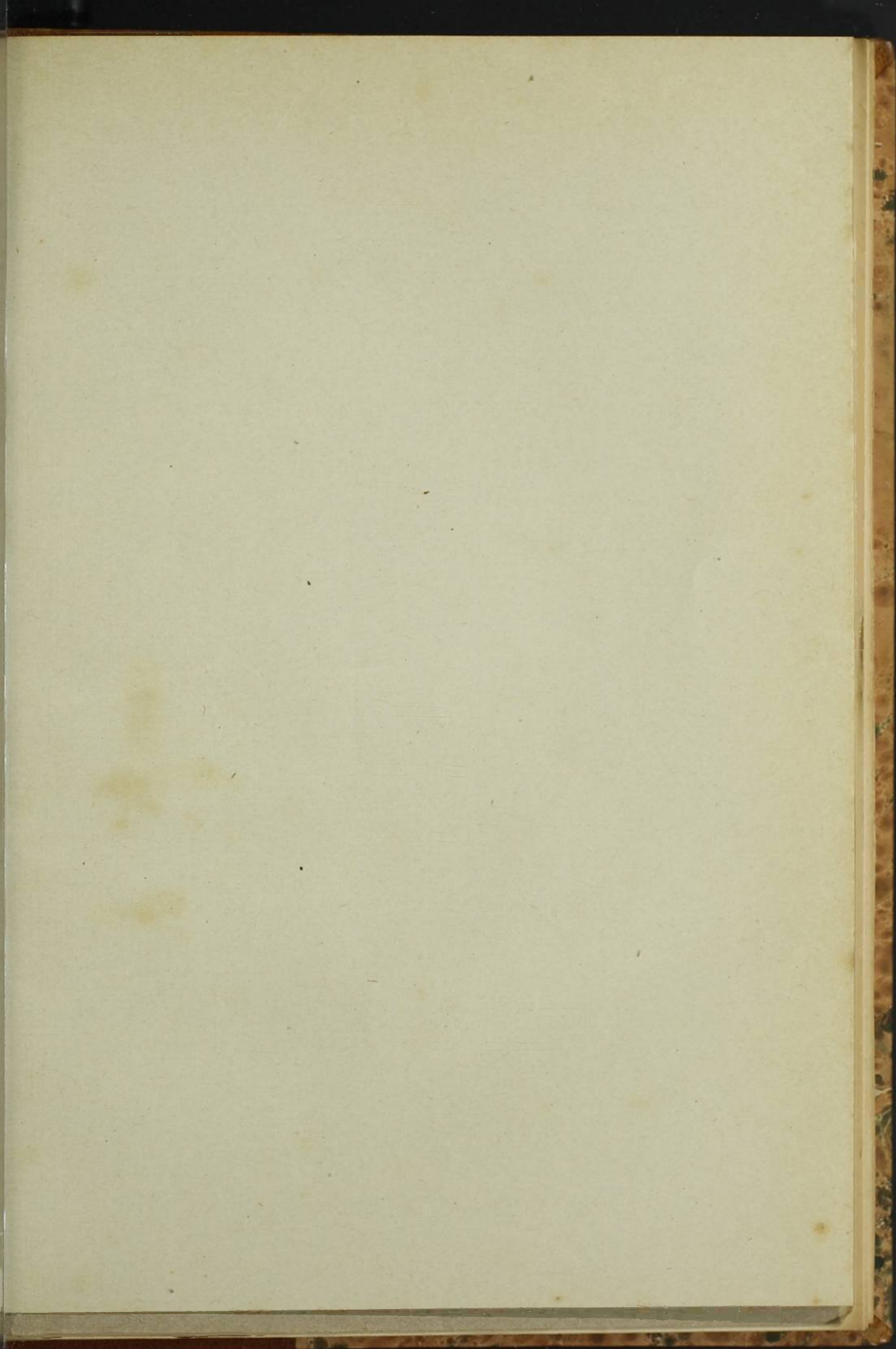
TABUA

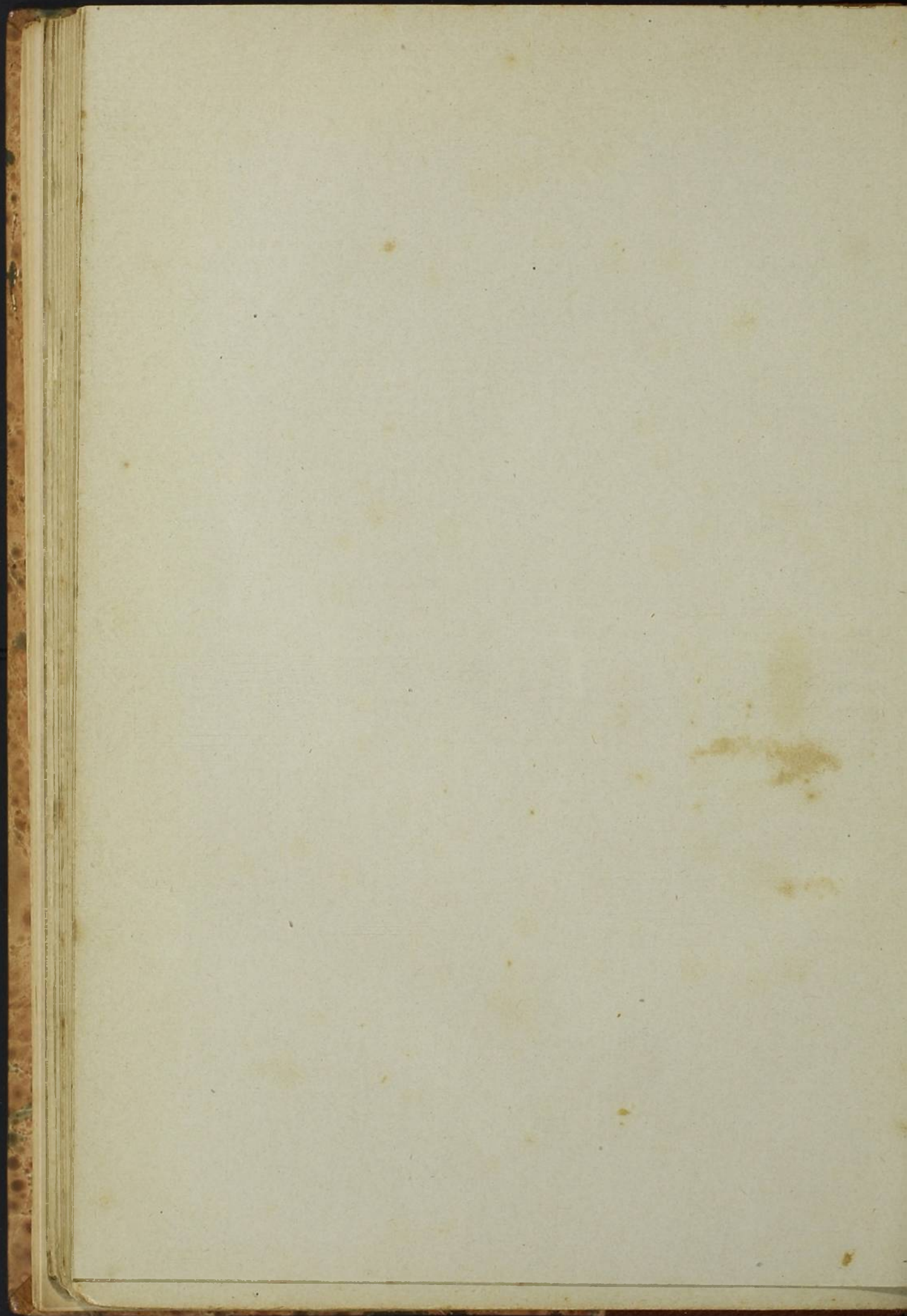
TABLA

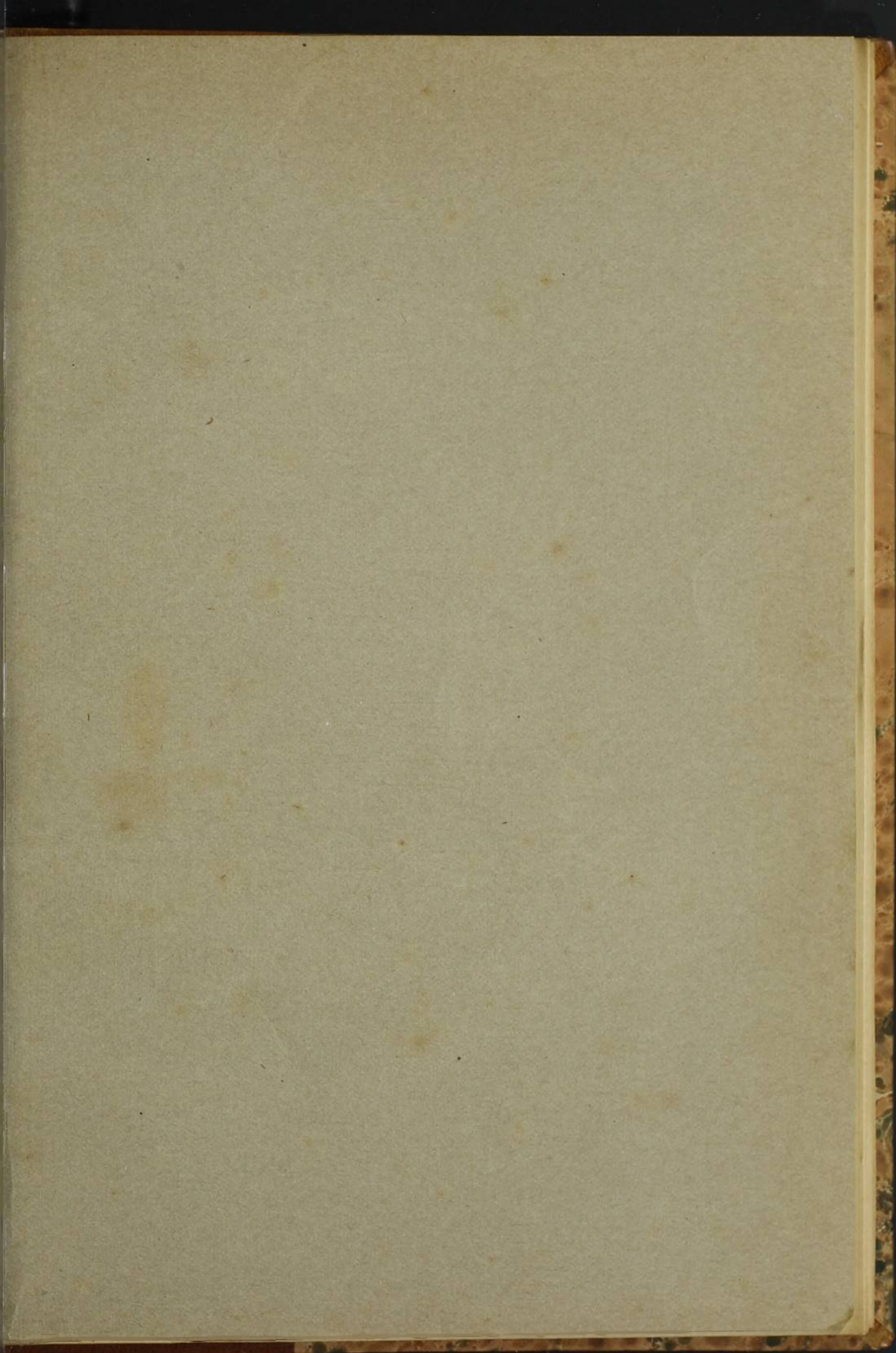
CARNAVAL

Bacanal	5
Os sapos.	7
A canção das lágrimas de Pierrot.....	11
Vulgívaga.	21
A rosa.	25
A sereia de Lenau.....	29
Pierrot branco.	31
A fina, a doce ferida.....	33
A silhueta.	35
Arlequinada.	37
Do que dissestes.....	41
Pierrot místico.	43
Debussy.	47
Pierrette.	49
O súcubo.	51
O descante de Arlequim.....	53
A ceia.	55
Menipo.	57
A morte de Pan.....	59
Baladilha arcaica.	61
Rimancete.	63
Madrigal.	67
Confidência.	69
Híato.	71
Toante.	73
Alumbramento , , , . .	75
Sonho de uma terça-feira gorda.....	77
Poema de uma quarta-feira de cinzas.....	79
Epílogo.	81



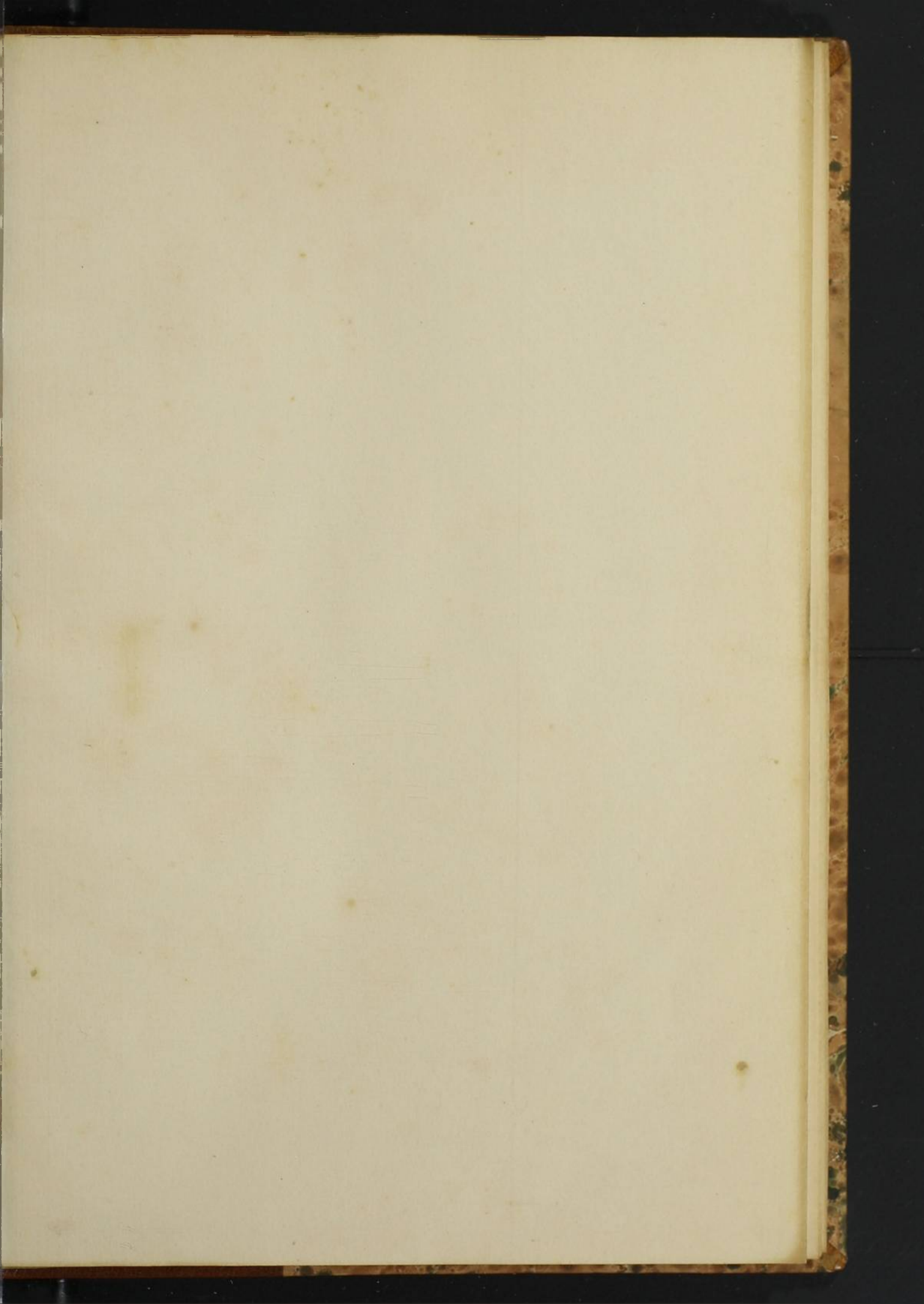


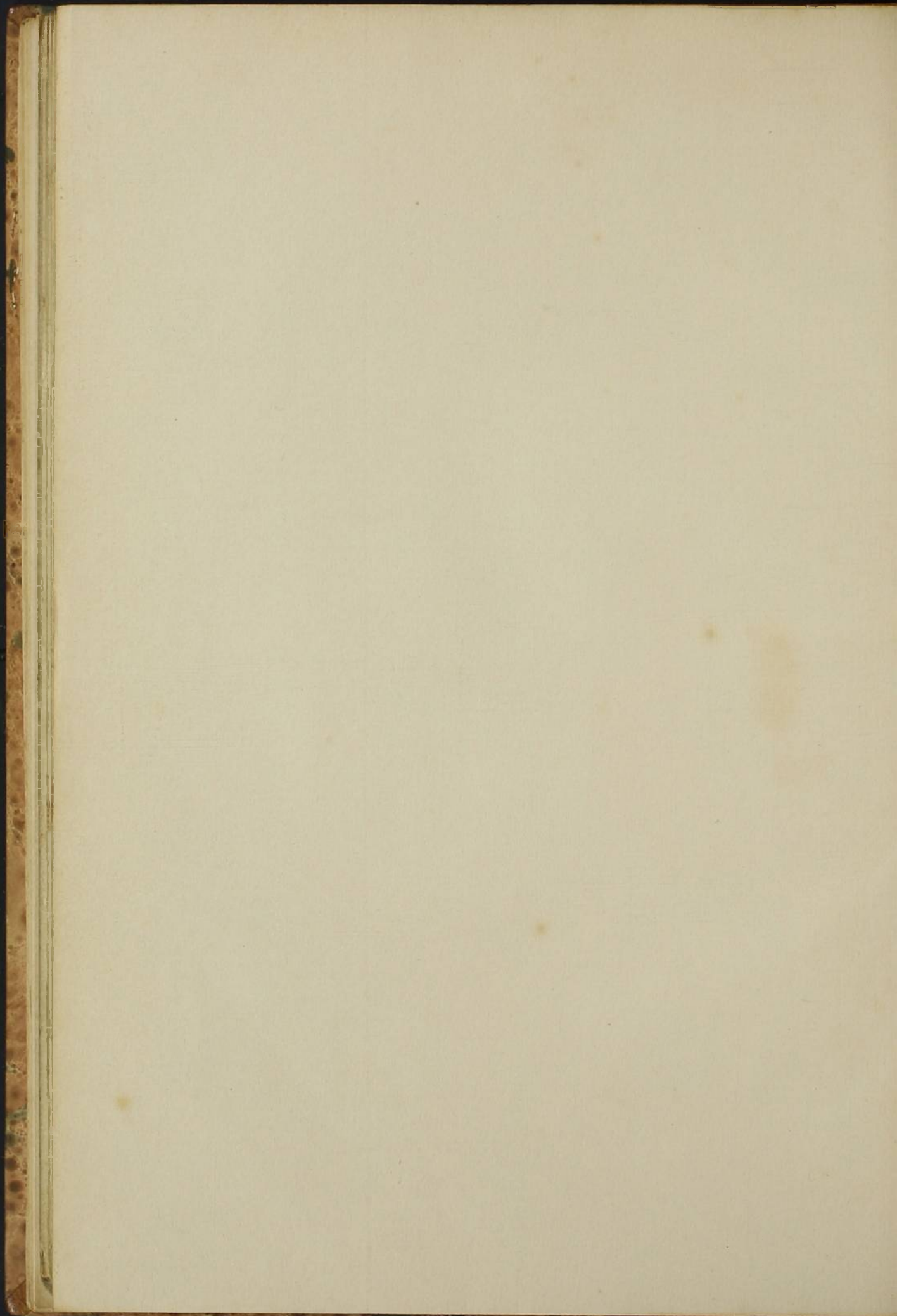


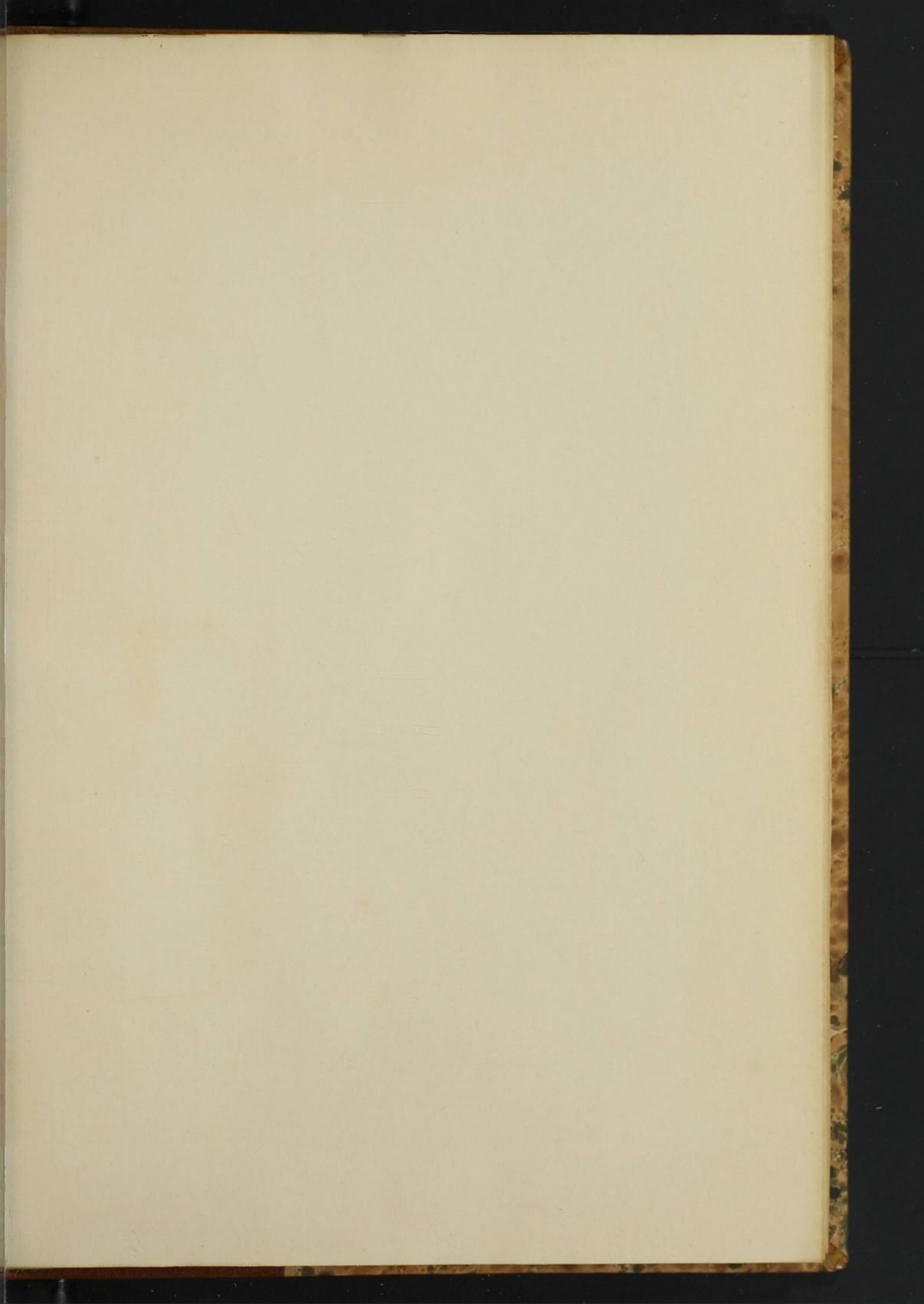


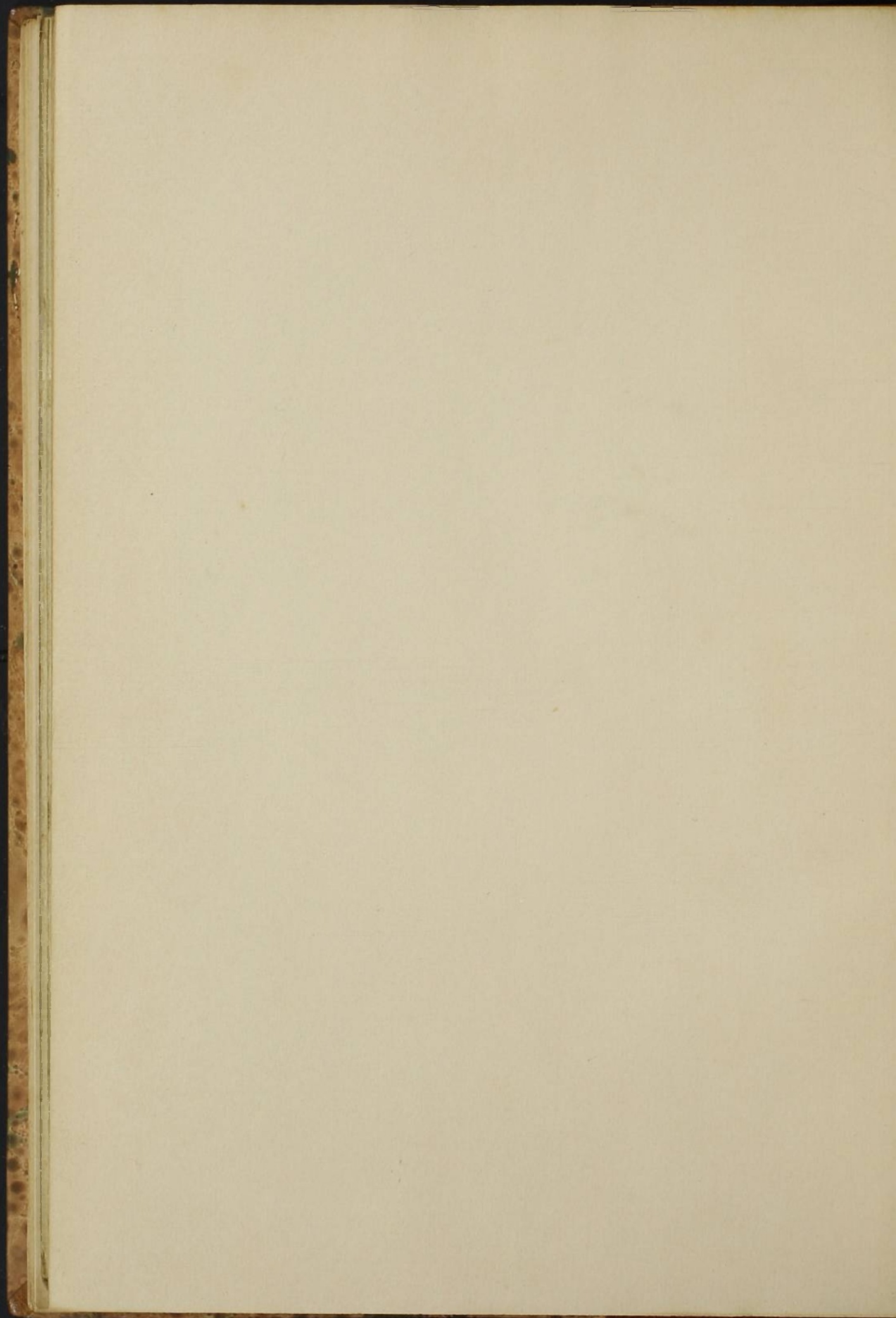
l

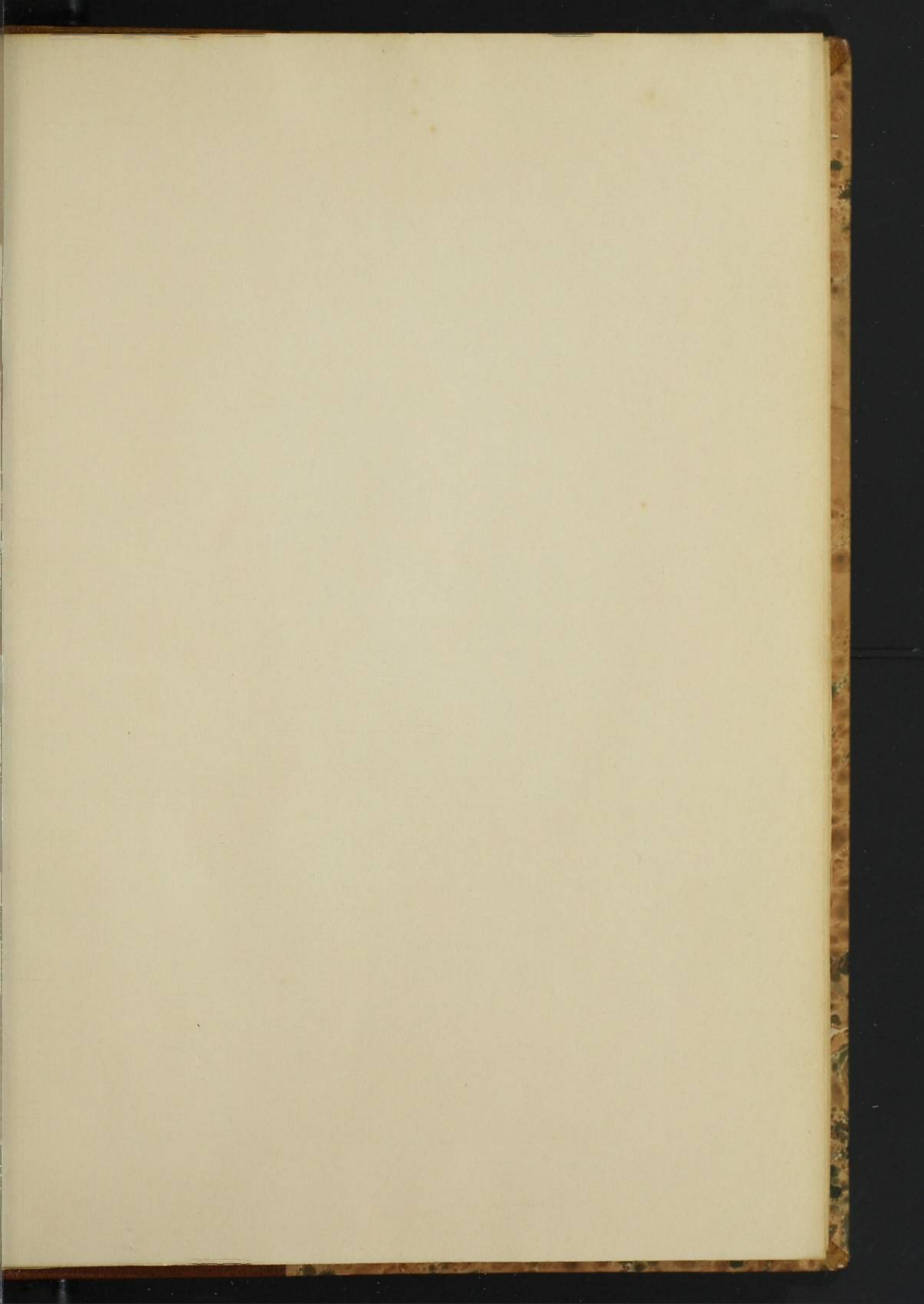
RIO DE JANEIRO
Typ. do "Jornal do Commercio", de Rodrigues & C
1919











000635

